

A alfabetização científica na horta escolar

José Silveira Filho

Doutor em Educação jsilveira.filho@yahoo.com.br

Ao tratar o ensino de ciências no âmbito da educação formal, consideramos a necessidade de conhecer a natureza da ciência, as características do pensamento científico, a ciência como um modo de pensar e outros atributos da epistemologia do pensamento científico.

Bell (2009) sugere que provavelmente a melhor forma de compreender a natureza da ciência é a partir da reflexão sobre a *alfabetização científica*, compreendendo esta como a habilidade de entender as informações para considerar as contribuições da ciência, bem como ser capaz de usá-la nas decisões sobre questões do cotidiano, sociais ou científicas.

Dourado (2006, p. 193) indica que o trabalho prático é reconhecido, “quer por professores quer por investigadores, como recursos de inegável valor no ensino e aprendizagem das ciências”.

O uso de aulas práticas com o intuito de desenvolver no discente a capacidade de observação, crítica e argumentação é apontada por alguns autores como Gil-Perez e colaboradores (1999), e por muitos professores como relata Galiazzi e colaboradores (2011). Esses aspectos são fundamentais a um indivíduo crítico e atuante na sociedade.

As atividades experimentais com finalidade didática não dependem exclusivamente de um laboratório de ciências, muitas delas podem ser realizadas com materiais do cotidiano, conforme sugere Santana (2011).

A horta, quando presente na escola, é um ambiente que deve ser explorado para o aprendizado e bem estar do aluno.

É possível na horta da escola trabalhar com funções rítmicas nos vegetais: a frutificação de algumas plantas e as estações do ano, a abertura e o fechamento de flores ao longo do dia, permitem que se construa a noção de que os vegetais (como todos os seres vivos) apresentem funções que se repetem com o mesmo intervalo de tempo (funções rítmicas), ajustadas ao dia, à noite e às estações do ano (ciclos geofísicos) (PCN, 1997).

Para o estudo da reprodução nos vegetais, é conveniente o cultivo daqueles com ciclo vital curto, que apresentem flores, como as hortaliças, o feijão e a batata-doce. Dessa forma torna-se possível estudar a participação de insetos e pássaros na polinização, a formação dos frutos, sua variedade, suas condições de germinação, o crescimento das sementes, a influência da luz, do calor, da água e do ar. A partir dos exemplos citados acima se percebe a variedade de conteúdos práticos que poderão ser abordados no espaço da horta na escola (PCN, 1997).

Para a grande maioria das escolas que não dispõem de laboratórios didáticos, a horta ecológica é uma alternativa de laboratório vivo no ensino de ciências.



Figura 1 - Oficina de plantio de cebolinha (*Allium schoenoprasum* L.), Horta dos Bem-te-vis, E. M. Mattos Dourado, Fortaleza, 2018.